

O PROBLEMA CAMPONÊS NO NORDESTE BRASILEIRO

PE. PAULO CRESPO

Menos do que por seu valor informativo, pois muitos dos dados nêle contidos já são do conhecimento do leitor familiarizado com os problemas do Nordeste, o presente artigo vale pela autenticidade e vigor de um depoimento pessoal. O autor é vigário em Jaboatão, no Estado de Pernambuco, e ativista do movimento de sindicalismo rural. Depois de esboçar o quadro econômico e social do Nordeste, e de pôr em relêvo suas agravações, refere-se à primeira tentativa de libertação do trabalhador rural nordestino do regime de sujeição em que vive: as Ligas Camponesas. A tentativa, infelizmente, perdeu sua autenticidade primeira, pela infiltração de interesses demagógicos. A segunda tentativa, na qual se concentra tôda a esperança de superação do regime, é o sindicalismo rural. O autor mostra o que já se realizou nesta linha de ação e conclui afirmando que nêle se insere a última possibilidade histórica de resolver o problema do Nordeste, dentro da democracia.

O NORDESTE brasileiro, com uma área de 1 600 000 km² e uma população de 25 000 000 de habitantes, constituiu o maior problema de subdesenvolvimento do hemisfério ocidental, polarizando sôbre si as atenções de todo o mundo. Isto, não porque seja a única área onde há miséria ou, de tôdas as áreas subdesenvolvidas, a mais miserável, e sim por-

que seu povo, hoje, não está mais disperso, amorfo, mas tomou consciência de sua miséria, já não querendo nela permanecer. No entanto, não descobriu ainda o caminho para conseguir sua própria libertação. Várias ideologias propulsoras de uma ação se apresentam diante dêle, à espera de uma opção ou adesão que certamente condicionará seu futuro e mesmo a derrocada ou o aperfeiçoamento da democracia brasileira.

FATORES CLIMATICOS

Ao estudar o Nordeste, devemos ter em vista duas regiões: uma, a faixa úmida litorânea; outra, uma extensa região semi-árida. Ao Norte, a faixa úmida se estende mais a mais, integrando-se na floresta amazônica. Nos Estados do Rio Grande do Norte e Ceará, a região semi-árida avança até o mar. No Sul da Bahia, encontramos ainda uma faixa úmida. Com exceção do São Francisco e do Parnaíba, são intermitentes todos os demais rios da região.

FATORES SÓCIO-ECONÓMICOS

A população do Nordeste, tradicionalmente produtora de açúcar, está concentrada nesta faixa úmida. Desde a fase do descobrimento, a política das Capitanias, adotada pela metrópole portuguesa, tinha como objetivo a ocupação humana do Brasil. Isso estava necessariamente vinculado ao plantio da cana e ao fabrico do açúcar. Eram estas as recomendações reiteradas de El-Rei: plantar cana, construir engenhos. Já em 1545, havia dois em Pernambuco, dois em São Vicente e Pôrto Seguro e seis no Espírito Santo. Em 1585, quarenta anos depois, Pernambuco já possuía 66 engenhos e Bahia, 36. Como vemos, o maior desenvolvimento da economia açucareira foi em Pernambuco. De Olinda, então bela capital, para o norte e para o sul, a expansão povoadora fêz-se acompanhar necessariamente pela fundação dos engenhos. Assim, foram conquistados Paraíba, Rio Grande do Norte, Alagoas, Sergipe. A cana-de-açúcar tornou-se a base da ocupação litorânea; a casa grande de engenho, o símbolo daquela civilização. Ao alvorecer do século XVII, todo o

litoral nordestino estava conquistado e esta conquista fizera-se com os canaviais, fixando os homens. Diz MANUEL DIÉGUES JÚNIOR, em seu livro *Regiões Culturais do Brasil*: "O elemento humano grudava-se à terra de massapê pelos pés de cana e as bases de sua estabilidade econômica fincavam-se com o engenho. O açúcar condicionou a formação da sociedade agrária do litoral. Em tórno dos engenhos, foi que apareceram os núcleos demográficos do Nordeste".

Foi assim desde o princípio. Muito pouco mudou nos dias de hoje. Se algo mudou foi para pior. Isto porque a transformação da economia açucareira, pela técnica de produção, trouxe uma transformação social de base. De uma economia patriarcal, ainda remanescente no agreste e no sertão, passou-se a uma economia burguesa capitalista. Já não há mais contacto direto dos trabalhadores com o senhor-de-engenho. O usineiro é um tipo nôvo de patrão quase invisível. Os contactos fazem-se através de intermediários: gerentes, administradores, cabos, fiscais, apontadores, etc. Transformam-se os tipos humanos. Fica deserta a casa grande. Transformam-se as relações humanas . . . Houve abolição da escravatura e começou a escravidão do trabalho ao capital.

A situação do povo do Nordeste é sumamente grave, sobretudo em comparação com outras áreas do país e do mundo. Quando dizemos isto, não nos referimos apenas à situação de fome, de ignorância, de analfabetismo, de verdadeira miséria, mas especialmente ao pior de todos os males, porque afeta a essência mesma do homem, que é a falta de liberdade. Afirmamos com tristeza esta terrível realidade: o nordestino é um escravo. Vivemos numa civilização escravocrata, se bem que disfarçada. Há, por isso, uma grande tentação nas massas para abraçarem o comunismo. Querem liberdade e o comunismo acena para estas liberdades. A democracia tal qual é praticada é detestável. Eis o grande perigo.

CONDICIONAMENTOS POLITICOS

Agrava mais ainda a situação o fato de que os nossos políticos, com bem poucas e honrosas exceções, são aproveitadores, são senhores escravocratas, os primeiros a se beneficiarem da posição privilegiada em que se encontram, por

fôrça mesmo de leis feitas e aprovadas por êles mesmos, no intuito de defenderem seus próprios interesses. Gastam milhões a fim de se elegerem ou para elegerem seus representantes, que defenderão leis que venham a beneficiar exclusivamente a êles. Há, evidentemente, um despertar, ainda muito reduzido, para constituir uma fôrça sadia de pressão, e não apenas agitacionista, visando à execução de reformas verdadeiras. Já foram advertidos dos perigos em que se encontra a nossa democracia e o que vemos é um neocapitalismo inteiramente aliado com o comunismo, financiando suas campanhas, sua imprensa, seus comícios, em troca de uma cadeira na Câmara ou no Senado. De um lado, o velho capitalismo reacionário a tôda e qualquer reformulação que venha diminuir seus lucros; de outro, o neocapitalismo aliado ao comunismo ou apegado aos seus privilégios de mando e de prepotência.

A política, entre nós, não é serviço do povo, mas vedetismo e posição para aproveitadores, que sacrificam o povo aos seus interesses pessoais.

PRESSÃO DEMOGRÁFICA

Nestes dois últimos decênios, o problema do Nordeste agravou-se sobremaneira, com o crescimento das populações urbanas, sobretudo nas grandes cidades, como Recife, que já atinge 800 000 habitantes, o que não é índice de progresso, mas decorrência da incapacidade da zona agrícola úmida para absorver êsse aumento populacional. A zona úmida é cada vez mais deficitária na produção de alimentos, o que provoca o aumento dos preços e compromete a própria rentabilidade da produção, especialmente a do açúcar. Na zona semi-árida, flagelada pelas sêcas, a agricultura torna-se cada vez mais impraticável. Assim, a zona úmida depende cada vez mais dessa zona semi-árida, flagelada pelas sêcas. Em síntese: tôda a região depende de alimentos cada vez mais caros e de oferta cada vez mais instável.

CONSEQUÊNCIAS DO SURTO DE INDUSTRIALIZAÇÃO

Para completar esta visão triste do Nordeste, a industrialização do centro sul do país, incentivada e protegida por

todos os meios pelo Govêrno Federal, com a contribuição nordestina, agravou o processo interno de colonização, despertando reações justas.

Faltou ao Govêrno uma planificação de desenvolvimento, com graves prejuízos para o Nordeste e para o Brasil.

MIGRAÇÕES INTERNAS

O problema das migrações acelerou de maneira brusca o processo de transformação social e econômico. A homogeneidade do meio rural desapareceu. A estrutura social nova e a penetração de outras idéias trazidas da grande cidade através das idas e vindas das correntes migratórias e das facilidades relativas de transporte, impuseram grandes transformações à população rural. O universo rural é um todo coe-
tente e único. Tudo lá é coletivo e faz parte de um todo social: crenças, linguagem, gestos, diversões, folclore, etc. são comportamentos coletivos. As opiniões particulares, bem como os gestos, pouco exprimem. Deixar a vida rural para quem lá nasceu e cresceu equivale a quebrar todos os laços de ligação com êsse universo. É morte sem muitas possibilidades de ressurreição, porque, na grande cidade, terá que enfrentar um comportamento de opções pessoais para o qual nunca foi preparado. Tudo foi destruído. A transformação é radical. É um mundo que se desmorona, surgindo um outro, para o qual não se está preparado.

LIGAS CAMPONESAS

Dentro desta problemática nordestina, de bruscas transformações do meio rural e em consequência de tudo o que dissemos até agora, surgem as "Ligas Camponesas", como um esforço de autolibertação grupal. São camponeses que se unem aqui e ali, a fim de procurar solução para os problemas mais imediatos de assistência ao grupo a que pertencem. Infelizmente, os interesses eleitoreiros e demagógicos vieram prejudicar grandemente a eficiência dessas associações. Facções políticas do Govêrno e da oposição lutaram para ganhar o prestígio dos camponeses. Neste clima de disputa, só os camponeses sofreram e sofrem, como as canas esmagadas pelas

moendas. A Justiça dos homens não foi ao seu encontro para defendê-los, mas para esmagá-los.

Diante da impotência de resolverem seus problemas mais imediatos, dentro da Lei, as Ligas e seus dirigentes desesperaram. A revolta sempre se aninha nos corações esmagados pela injustiça. Injustiças houve e há muitas. Corações esmagados são milhares. "Já que a Lei não dá nossos direitos, arrancá-los-emos à força. Ou na Lei ou na marra". Ou Evolução ou Revolução. As Ligas, em sua maioria, se tornaram propulsoras da revolução. Esta tentativa é de todos nós . . . Pior ainda. Grupos estrangeiros se interessaram e aos poucos as Ligas se tornaram propulsoras de uma revolução importada, estrangeira, cubana, com graves repercussões na vida nacional e internacional.

Por si só, as Ligas Camponesas, dentro do quadro da nossa organização democrática brasileira, não são o melhor instrumento para a solução do problema camponês. Pela sua própria constituição, se adaptam mais a uma sociedade benéfica, sem fins reivindicativos. É mais uma organização paternalista do que mesmo uma sociedade em que os próprios camponeses lutem pelo próprio desenvolvimento, sendo os propugnadores de sua libertação, numa afirmação crescente de sua pessoa como ser social.

SINDICALISMO RURAL

Em meio a tôdas estas contradições, surge o movimento sindicalista rural, como uma força de pressão, para o aperfeiçoamento da nossa democracia. É a última esperança do homem do campo, que perfaz 75% da população do Nordeste. Foi a primeira das conclusões do Primeiro Congresso de Lavradores e Trabalhadores Rurais do Norte e Nordeste do Brasil, em Itabuna, na Bahia: "A sindicalização de base extensiva, para o homem do campo, é a sua última esperança de libertação". De fato, escreve JULIETA CALAZANS em sua *Introdução a uma História do Sindicalismo Rural no Nordeste*: "Nenhum problema brasileiro no momento é tão urgente como o problema rural; em nenhuma época o país viveu tanto para esta questão como no presente; problema rural que tem sido apresentado sob os mais diferentes ângu-

los, mas, sempre, com a tendência de uma única solução: Reforma Agrária. A sindicalização rural mostrará ao homem do campo o mundo brasileiro em que vive:

— 2 milhões de propriedades rurais ocupando 230 milhões de hectares de terra (23% da área global do país) e somente 19 milhões de hectares cultivados;

— população de 20 milhões de habitantes em atividades rurais, da qual somente 18% são proprietários e 82% não tiveram ainda o direito de possuir um pedaço de chão;

— 9% dos que possuem terra (metade dos 18%) donos de 75% da área total das propriedades agrícolas do país (aproximadamente 170 milhões de hectares de terra);

— 8 milhões dos 82% que não possuem terra, trabalhando alugado, muitos ainda sujeitos ao cambão;

— Ministério da Agricultura recebendo apenas 6% do orçamento nacional;

— 20 milhões de pessoas no campo, analfabetas, e trabalhando empiricamente, faltando-lhes assistência e formação profissional.

“Conhecendo a realidade do meio rural e unido em sindicato, o homem do campo estará preparando uma reforma agrária, na qual êle poderá dar a sua participação ativa e colaborar para uma pronta solução dos problemas que tanto afligem o país.

“Muitos foram os que, por ignorância ou má-fé, tentaram levantar o homem do campo desfraldando outras bandeiras que não a do sindicalismo. A hora do verdadeiro trabalho surgiu, quando o associativismo autêntico foi semeado; quando o sindicalismo e a justiça social cristã proporcionarem ao camponês os meios indispensáveis para se unirem em defesa do seu patrimônio cultural e conquistarem dos poderes públicos a necessária reforma da estrutura agrária brasileira. É esta a voz de comando da hora presente: sindicalismo autêntico para uma justa e urgente promoção rural”.

PALAVRAS DE JOÃO XXIII

Êste movimento sindicalista tem sua fôrça e a sua justificativa nas palavras textuais de JOÃO XXIII na *Mater et Magistra*: “O nosso pensamento afetuoso e paternal estímu-

lo dirigem-se para as associações profissionais e movimentos sindicais de inspiração cristã, presentes e ativos em vários Continentes. Apesar de muitas dificuldades, por vêzes bem sérias, êles têm sabido trabalhar e continuam a fazê-lo, a favor dos interêsses dos trabalhadores e da sua elevação material e moral, tanto no interior de cada país como no plano mundial". "Estamos convencidos que os protagonistas do progresso econômico e social e da elevação cultural nos meios rurais devem ser os mesmos interessados, quer dizer, os agricultores". "Repare-se ainda que, no setor agrícola, como, aliás, em qualquer outro setor produtivo, a associação é atualmente uma exigência vital; e muito mais, quando o setor se baseia na empresa familiar. Os trabalhadores da terra devem sentir-se solidários uns dos outros, e colaborar na criação de iniciativas cooperativistas e associações profissionais e sindicais. Umhas e outras são necessárias para tirar proveito dos progressos técnicos e científicos da produção, contribuir eficazmente para a defesa dos preços, e chegar a um plano de igualdade com as demais profissões, ordinariamente organizadas, dos outros setores produtivos, e para que a agricultura consiga fazer-se ouvir no campo político e junto aos órgãos de administração pública. Porque hoje, *as vozes isoladas quase não têm a possibilidade de chamarem sôbre si as atenções e muito menos de se fazerem ouvir*". "Contudo, os lavradores, como, aliás, os trabalhadores de qualquer outro setor produtivo, ao utilizarem as suas multiformes organizações, devem conservar-se dentro da ordem moral e jurídica; quer dizer, devem conciliar os seus direitos e interêsses com os das outras profissões e subordinar uns e outros às exigências do bem comum. Os agricultores, ao trabalharem pela melhoria e elevação do meio rural, podem legitimamente pedir que o seu trabalho seja ajudado e completado pelos poderes públicos, contanto que êles mesmos mostrem as exigências do bem comum e contribuam para as satisfazer". "É-nos grato expressar aqui a Nossa complacência àqueles filhos Nossos que nas diversas partes do mundo se ocupam em organizações cooperativistas, profissionais e sindicais, tendentes à promoção econômica e social de todos os cultivadores da terra".

Eis os princípios que animam o movimento sindicalista rural no Nordeste e em todo o Brasil.

TÉCNICA EMPREGADA

Sabemos que as comunidades, por menores que sejam, agem através de seus líderes. Devemos então, antes de tudo, descobrir os líderes e formá-los, para que êles mesmos ajudem os seus companheiros do campo a se libertarem. Êste foi, pois, o nosso primeiro trabalho: descobrir os líderes e treiná-los em função de um engajamento de ação sindical em seu meio. Esta formação é feita através da ação sindical planejada por ocasião dos cursos e encontros dos líderes sindicais.

O possível líder sindical, uma vez nucleado, recebe três cursos, em regime de internato. O primeiro curso, com duração de uma semana, tem como finalidade abrir a mente do camponês para a realidade nordestina em tôda a sua crueza e mostrar-lhe a solução através do sindicato. Esta solução deve surgir da liderança dêles mesmos que aprendem, então, técnicas de liderança, de formação de grupos e comunidades, etc., seguindo-se uma ação planejada para os três meses seguintes. Terminados os três meses, são convidados de nôvo para o segundo treinamento, no qual é feita uma avaliação do trabalho realizado, para ver as dificuldades surgidas. Há, então, um aprofundamento dos assuntos já ventilados no primeiro treinamento e um nôvo plano por seis meses. No fim dos seis meses, é realizado nôvo curso, mais completo, para aquêles que demonstraram, na ação, capacidade de liderança. Por ocasião dêsse terceiro treino, um plano de ação sindical é cuidadosamente traçado. Êstes líderes, de três em três meses, ficam fazendo encontros de dois ou três dias, para se capacitarem, cada vez mais, na luta sindical.

Paralelo a êsse trabalho, com líderes camponeses, procuramos incentivar e esclarecer todos aquêles que estão ligados, de uma ou de outra maneira, à vida do campo, como os Vigários, agrônomos, extensionistas rurais, professôras rurais, tendo em vista uma colaboração efetiva pela promoção do homem do campo.

Para organizar tudo isto, mantemos uma equipe coordenadora que faz êste trabalho de orientação. Essa equipe tende a se especializar sempre mais nos seus vários setores de sindicalização, de politização, de previdência social, de opinião pública, de cooperativismo, etc. Trabalhamos numa só frente com o M. E. B. (Movimento de Educação de Base) e com as Jornadas Sociais (equipe de doutrinação social). Dada a extensão do trabalho, dividimos o Estado de Pernambuco em oito regiões e estamos tentando formar subequipes coordenadoras em cada uma delas, ajudadas pela equipe central do Recife. Todo o movimento está coordenado em bases regionais, englobando os nove Estados do Nordeste. A sede de região é em Natal, no Rio Grande do Norte.

EXPANSÃO

Até agora o Nordeste conta com 33 sindicatos de trabalhadores rurais reconhecidos pelo Ministério do Trabalho e Previdência Social e 44 sindicatos esperando investidura do mesmo Ministério, com um total aproximado de 68.259 associados. Esse movimento sindical já se estende a outros Estados, como Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul. Em quase todos os outros existe o movimento, porém não há ainda sindicatos reconhecidos. Os sindicatos estão reunidos em federações estaduais que se articulam, atualmente, para a formação da Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais (CNTR).

AÇÃO SINDICAL

Além de ser o Sindicato um sôpro na brasa que ainda fumege, acendendo o fogo de uma esperança, tem sido o começo da libertação do camponês. O Sindicato tem despertado no homem do campo uma esperança de vida nova pela garantia de seus direitos. Começa êle a acreditar que o caminho da libertação é o sindicato. Alguns Sindicatos já conseguiram acôrdos salariais, melhoria de condições de trabalho, indenizações, etc., e isso muitas vêzes pela atuação decidida dos líderes sindicais.

Há padrões esclarecidos e compreensivos. Homens que acompanham o tempo e são sensíveis a êsses movimentos operários. Sabem que não adianta nadar contra a correnteza. Outros, neocapitalistas, admitem isto com o fito de afastar um mal maior. Querem, porém, dar a última palavra em tudo, continuar com o mando. Outros ainda reagem com violência. Infelizmente, êsses últimos são a maioria.

Aqui está um capítulo negro que será escrito na história do Nordeste. História triste como a dos navios negreiros. Espancamentos brutais, torturas sádicas, maltratos físicos e morais, maltratos sexuais... tudo é usado para abater o camponês, para cortar-lhe o desejo de liberdade, para subjugá-lo, para destruí-lo, não só física, mas moralmente. Nem tudo se sabe. Poucos são os que têm a coragem de contar... e a imprensa sádia não tem coragem para denunciar. Outros casos... fere até o pudor narrá-los. Um dia sairá a história desta luta que esperamos seja vitoriosa. Nela haverá páginas negras e vergonhosas, vermelhas de sangue, porém gloriosas; algumas luminosas de gestos heróicos, gestos de verdadeiros mártires da Pátria pela libertação de uma classe escravizada.

Em breve o Movimento Sindical Rural Brasileiro, saído do Nordeste, será a maior força trabalhista do país. Ninguém mais pode detê-lo; nem o Governo, nem a Igreja, nem mesmo o Exército. Disto estamos absolutamente certos. Dentro de dois anos, será a maior força do país, mais poderoso que a CNTI (Confederação Nacional dos Trabalhadores da Indústria), e esta já decide até da composição de Gabinetes. A Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais (CNTR) será, no futuro, a grande força, ou para a derrocada total da democracia ou para a salvação da democracia.

PERSPECTIVAS PARA O FUTURO

Qual o futuro do Movimento Sindical Rural no Brasil?

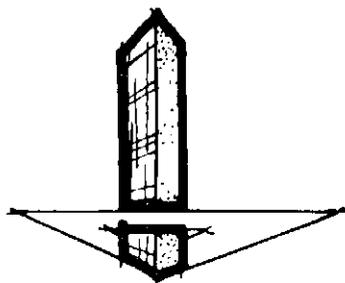
Podemos prever três situações para um futuro bem próximo:

a) O Movimento Sindical Rural poderá cair nas mãos dos comunistas e, conseqüentemente, será a derrocada da democracia.

b) O Movimento Sindical Rural se esfacelará pela influência indébita de grupos governamentais políticos ou neocapitalistas e, ainda aqui, sendo, como é, "a última esperança de libertação do homem do campo", o fracasso gerará o desespêro, êsse a anarquia, e teremos ainda o comunismo.

c) O Movimento Sindical Rural se firmará cada vez mais, dentro dos princípios democráticos e cristãos, *pela defesa intransigente, porém programada em tôdas as suas etapas*, dos direitos sagrados da Pessoa Humana, criando novas estruturas, pela pressão de um povo organizado, consciente e politizado; evidentemente, já então ajudado pela atividade de um pequeno grupo coeso e capaz, embora pequeno, de autênticos representantes do povo. Esta terceira situação é a que desejamos criar, com a boa vontade de todos aquêles que amem a democracia e o Brasil.

**JOÃO FORTES
ENGENHARIA SA**



CONSTRUÇÕES * INCORPORAÇÕES * ADMINISTRAÇÕES
RUA MEXICO 21 GRUPO 202 TELS. 22 22 15 - 32 39 29